

Organização, notas
e estudo introdutório

ANTÓNIO BREHM
LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI

PORTUGAL

NA ENCRUZILHADA DA

EUROPA

**Relação anónima de um gentil-homem
da embaixada de Antonio Tiepolo às
cortes ibéricas, 1571-72**

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
1. AS RELAÇÕES IBÉRICAS COM A SENHORIA DE VENEZA DURANTE A CENTÚRIA DE QUINHENTOS	9
2. A EMBAIXADA EXTRAORDINÁRIA DE ANTONIO TIEPOLO	15
3. O PÉRIPOLO DO EMBAIXADOR POR TERRAS DE ESPANHA E PORTUGAL	25
4. A RELAÇÃO COMO EXEMPLO DA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XVI	67
5. RELAÇÃO RELATIVA A ESPANHA, FEITA POR UM GENTIL-HOMEM DA EMBAIXADA DE ANTONIO TIEPOLO	71
6. RELAÇÃO RELATIVA A PORTUGAL, FEITA POR UM GENTIL-HOMEM DA EMBAIXADA DE ANTONIO TIEPOLO	107

PREFÁCIO

UMA “ENCRUZILHADA” QUE SE TRANSFORMOU NUMA “CRUZ”

Portugal na Encruzilhada da Europa. Relação anónima de um gentil-homem da embaixada de Antonio Tiepolo às cortes ibéricas, 1571-72, organizado, anotado e introduzido por António Brehm e Luísa Antunes Paolinelli, é, pode dizer-se, um livro exemplar porque, em primeiro lugar, opera para o leitor o enquadramento histórico das relações entre a Senhoria de Veneza e as cortes peninsulares; em segundo lugar, descreve com rigor metodológico, segundo os preceitos da investigação histórica, a viagem do enviado especial Tiepolo a Madrid e a Lisboa, os seus interesses ocultos (conhecimento pormenorizado das novas rotas de especiarias, a descoberta do Novo Mundo) e explícitos (conquistar para a Santa Liga papal os favores de Filipe II e de D. Sebastião na luta contra o Império Turco); em terceiro lugar, enquadra esteticamente a “relação” na literatura de viagem, que atingiu o seu máximo esplendor justamente em Quinhentos, evidenciando que, ainda que viagem intramuros europeus, possui as características de uma expedição ultramarina, pela descoberta de uma fauna diferente (duas baleias, p. 71); finalmente, pelo título principal do livro, azimute histórico enquadrador da “relação” e do estudo: estamos perante duas potências marítimas, uma em decadência (Veneza), outra em ascensão (os dois reinos da Península Ibérica), uma dominando cada vez menos o Mediterrâneo e as suas rotas comerciais com o mundo árabe e, de certo modo, indiano, a segunda abrindo novas rotas através do Atlântico, seja para a Índia, seja para a América. Neste sentido, Portugal, mesmo dirigido por um rei tão inepto como D. Sebastião, enformado mentalmente pelos jesuítas irmãos Câmara e em forte conflito com sua avó Catarina, isto é, mesmo com uma corte lisboeta financeiramente fragilizada em comparação com a corte faustosa de Madrid e com o esplendor de Sevilha, era representado na Europa como uma potência ascendente, a merecer espionagem e envio cortês de diplomatas, ancorado no Império que ora, desde o reinado de D. João III, se ia transformando num empório. Digamos que a inércia histórica (a antiga obra e prestígio de D. Manuel I e da sua simbólica “esfera armilar”) funcionava a favor de Portugal, assim o provava igualmente, para além dos domínios imperiais, o interesse da corte francesa em casar

Margarida de Valois com o rei português. Com efeito, no ano em que Tiepolo abandona a Península é publicado em Lisboa *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, livro-testamento das glórias vivas de um Império que década a década se esboroava, como Diogo do Couto o provava na escrita, a partir de Goa, de *Diálogos do Soldado Prático* e Fernão Mendes Pinto, regressado ao Pragal, Almada, em *Peregrinação*.

Neste sentido, não poderia haver melhor título para este livro que “Portugal na Encruzilhada da Europa”, uma encruzilhada em que tudo o que podia correr mal correu mesmo mal, o que nos iria custar, seis anos depois, a maior e mais fabulosa derrota da história de Portugal e, oito anos depois, a perda da independência.

Os meus parabéns aos dois ilustres introdutores e anotadores pelo seu magnífico trabalho de reconstituição e de análise históricas.

Miguel Real

1. AS RELAÇÕES IBÉRICAS COM A SENHORIA DE VENEZA DURANTE A CENTÚRIA DE QUINHENTOS

As relações entre Portugal e a República de Veneza, particularmente durante o século XVI, têm sido suficientemente abordadas por autores diversos não justificando, por isso, uma análise detalhada. Basta para isso lembrar o enorme trabalho levado a cabo por Julieta Oliveira, que compilou o que de significativo existe na Senhoria sobre Portugal, com a transcrição de cartas e despachos entre diversos atores¹. Já antes dela, Marchesi havia publicado um importante contributo sobre as relações entre os dois estados do século XVI ao XVIII². Para a compreensão deste período é ainda imprescindível consultar Volpi³ e Alberi⁴.

Durante grande parte do século XVI não houve contactos diretos, envolvendo embaixadores, entre Veneza e Portugal. As informações de, e para Portugal, eram em geral assumidas por secretários do embaixador da Senhoria, residente na corte castelhana. Em todo o caso, sempre havia em Lisboa homens de negócios venezianos, e em muitas ocasiões, as suas cartas eram tidas como fonte de informação segura pelos canais diplomáticos que a Senhoria detinha em Espanha. Por exemplo, o relato circunstanciado da descoberta do Brasil por Cabral obteve-o Giovanni Affaitadi, um mercador veneziano de Lisboa, através dos marinheiros que chegaram no primeiro dos navios da frota de Cabral. Entregou o seu relato ao embaixador da Senhoria em Castela, Domenico Pisani, que imediatamente o fez chegar ao Doge⁵.

- 1 Oliveira, Julieta, *Veneza e Portugal no século XVI: subsídios para a sua história*, Col. *Mare Liberum*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa. Oliveira, Julieta (1997) Fontes documentais de Veneza referentes a Portugal, Col. *Mare Liberum*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2000.
- 2 Marchesi, Vincenzo, *Le relazioni tra la Repubblica Veneta e il Portogallo dall'anno 1522 al 1797*. Archivo Veneto, Tomo 33 (1), Venezia, 1887, pp. 9-42.
- 3 Volpi, Giuseppe, *La Repubblica di Venezia e i suoi ambasciatori*, Mondadori (Publ.), Milano, 1928.
- 4 Alberi, L.-P., *Relazioni degli Ambasciatori veneti al Senato durante il secolo XVI*, Florença, 1839-1863.
- 5 Metcalf, Alida, *Go-betweenes and the Colonization of Brazil: 1500-1600*, University of Texas Press, Austin, 2005, p. 19.